



# A QUARTA FILHA

Algumas cicatrizes só se curam  
quando voltamos ao momento  
em que elas nos marcaram...

# LYN LIAO BUTLER

**LYN LIAO  
BUTLER**

**A  
QUARTA  
FILHA**

TRADUÇÃO  
SANDRA MARTHA DOLINSKY

 **FARO  
EDITORIAL**

*Para minha versão do passado, que achava que eu nunca mais venderia um livro. Você conseguiu.*

## YI-PING

1959, TAICHUNG

NO ANO EM QUE MINHA QUARTA FILHA NASCEU, NOSSA CASA PERTO DA estação de trem de Taichung, que abrigava cinco famílias na residência Wang, desabou durante o jantar. Eu estava colocando na mesa a sopa de macarrão *dua mi gi* que havia feito, quando um vizinho entrou correndo gritando para sairmos, porque nossa casa ia desabar a qualquer momento.

Minha sogra gritou às esposas que pegassem os fogões a carvão para que o prédio não pegasse fogo (mas isso realmente importava se nossa casa estava prestes a ser destruída?). Como a nora dedicada que eu era, peguei o meu com dois panos de prato para não me queimar enquanto meu marido pegava nossas duas filhas mais novas nos braços. Corri para a porta com nossa filha mais velha agarrada à minha perna e nosso fiel cachorro ao meu lado. Saímos correndo e ficamos parados no meio da rua, em choque, enquanto nosso prédio de três andares começava a desmoronar. Um estrondo ensurdecedor ecoou no ar e densas nuvens de poeira se elevaram ao nosso redor; nossa casa, com todos os nossos pertences, desabou diante dos nossos olhos.

No mês em que minha quarta filha nasceu, meu sogro sofreu um acidente de carro que o deixou cego e incapacitado para trabalhar. Durante todo o sétimo mês lunar, o pranto de minha sogra poderia ter despertado todos os fantasmas que assombravam a ilha de Taiwan.

Na semana em que minha quarta filha nasceu, o filho do irmão mais velho de meu marido morreu de pneumonia nos braços da mãe. A família toda chorou a perda do primogênito de um filho mais velho, que partira cedo demais, antes que pudesse assumir seu lugar de direito na família.

No dia em que minha quarta filha nasceu, nosso cachorro ficou parado diante da porta da casa da irmã de meu marido, onde nos refugiamos depois de termos perdido a casa da família, e uivou por mais de uma hora. Então, meu marido soube que o filho que ele esperava era apenas um sonho e que uma menina

faminta o havia engolido para tomar seu lugar. E, de fato, nossa quarta filha veio ao mundo berrando a plenos pulmões, tão saudável quanto possível. Vi a amarga decepção nos olhos de meu marido, sua boca retorcida de repugnância, e senti meu estômago revirar de consternação. Depois de três filhas, ele rezou muito por um filho para dar continuidade ao seu legado. Sua frustração era uma nuvem de tempestade, palpável e ameaçando desabar sobre nós. Ele saiu furioso do quarto, sem sequer olhar para nós, mas meu coração se encheu de alegria ao ver aquele bebê perfeito, e eu a amei desde o instante em que a vi.

Em Taiwan, o quatro é considerado um número de azar, porque “quatro” é a mesma palavra para “morte” porém com tons diferentes. Os taiwaneses são um povo supersticioso; evitam o número quatro a todo custo. Poucos prédios taiwaneses têm um quarto andar e poucas placas de carro terminam com o número quatro. Quando minha mãe preparava lanches para mim, quando eu era pequena, ela nunca colocava quatro de nada, por medo de me condenar ao azar. Meu marido recusara ter o quatro no número de telefone do escritório e fazia um escândalo se eu trouxesse para a casa quatro sacos de arroz, em vez de três ou cinco. Eu deveria ter imaginado que ele não permitiria que uma quarta filha contaminasse sua vida.

Mas eu era jovem: tinha apenas dezesseis anos quando me casei com ele e vinte e um quando minha quarta filha nasceu. Fui educada para obedecer a meu marido, aprendera que eu não era nada sem ele. Eu não tinha ideia de que, já no dia do nascimento dela, ele estava pensando em como se livrar dela, pois a considerava uma maldição; sua existência era a razão de todo o azar sobre sua família naquele ano. Eu deveria ter ficado mais atenta e a protegido, tê-la resguardado da fúria de meu marido, mas não o fiz, e minha quarta filha se tornou nada mais que uma tênue fumaça de incenso desaparecendo no céu.



# PARTE 1

# 1

## LIV

### PRESENTE, MANHATTAN

— VI MINHA QUARTA FILHA ONTEM — DISSE MINHA AVÓ, YI-PING WANG, quando atendi à sua chamada de vídeo pelo FaceTime.

— Ah-Ma? — disse eu, estremecendo.

Ah-Ma é “vovó” em taiwanês. Saí depressa do casulo de cobertores em que estava aconchegada no sofá e deixei meu celular cair. Enquanto tateava o chão para pegá-lo, minha mente girava, repassando mentalmente todas as videochamadas que havia feito com ela nos últimos tempos, perguntando-me quando a mente de minha ativa avó de oitenta e seis anos havia começado a falhar. Por que não havia percebido os sinais? Acaso estava tão absorta em meu trauma que não era capaz de prestar atenção em mais ninguém?

— Liv-ah? Você está aí? — ouvi a voz de minha avó em meu celular que havia caído no exato momento em que o toquei com os dedos.

Minhas mãos tremiam enquanto eu pegava o telefone para poder ver o rosto de minha avó. Observei com atenção suas feições familiares, imaginando se a demência era algo que se podia ver fisicamente, como uma verruga no dorso da mão. Ah-Ma tinha só três filhas — sendo minha mãe, Felicia, a mais nova — e um filho, meu tio Winston; não havia uma quarta filha. Ela devia estar muito mal para ter imaginado outra filha. Meu coração não aguentaria se minha amada avó entrasse em declínio justamente quando eu mais precisava dela.

— Você está bem? — perguntei com voz trêmula, em um sussurro.

Eu estava trancada em meu apartamento studio havia dois meses, como um espírito preso neste mundo, incapaz de seguir vivendo desde que Ah-Ma voltou para Taiwan e minha melhor amiga, Amy Phan, havia partido em uma viagem solo pelo mundo. Eu tinha medo de sair e enfrentar todos os perigos de Nova York. Meu cérebro sabia que eu não podia viver assim para sempre, mas meu corpo se recusava a cooperar. E morando em uma cidade como Nova York,

a pessoa nunca precisa pôr os pés para fora, se não quiser. Havia delivery para tudo e ninguém precisava saber que desenvolvi uma fobia da cidade que um dia amara tanto. O único ar fresco que eu tomava ultimamente era quando saía à minha pequena varanda, tremendo no frio de meados de abril enquanto observava o trânsito passar sete andares abaixo.

— Estou bem — disse Ah-Ma, impaciente, agitando a mão. — Preciso que você venha para Taiwan e me ajude a encontrá-la. Meu marido a roubou anos atrás.

— O quê? — pestanejei, confusa, tentando entender o que ela estava dizendo. — Do que você está falando? Você não tem uma quarta filha.

Será que eu deveria ligar para minha mãe? Ou para a acompanhante que ia todos os dias ajudar minha avó desde que ela voltara para Taiwan? Alguém mais sabia sobre o declínio da lucidez de minha avó?

Ela suspirou e ficou me olhando em silêncio por alguns instantes.

— Felicia nunca lhe contou sobre Yili?

— Yi quem?

Eu me sentei, tirei os cobertores de cima de mim e foquei toda minha atenção em minha avó. Procurei em seu rosto sinais de desorientação, agitação ou qualquer coisa que me indicasse se minha avó estava perdendo a lucidez, mas só vi o rosto que eu conhecia desde sempre.

— Minha quarta filha, Yili — disse minha avó.

Sacudi a cabeça, confusa. Minha mãe nunca havia dito que tinha uma irmã mais nova. Ninguém de nossa família jamais havia dito isso. Eu não era tão próxima de minha mãe quanto de Ah-Ma, mas tínhamos um bom relacionamento. Eu ligava para ela algumas vezes por semana, porém havia muita coisa sobre a qual não conversávamos. Aparentemente, o desaparecimento da irmã mais nova dela era uma dessas coisas.

— *Aiya!* — Ah-Ma sacudiu a cabeça. — É como se ela nunca houvesse existido.

A partir de então, ela passou a falar mandarim. Suas palavras saíam mais rápido em sua língua nativa, que eu entendia, mas não falava bem.

— Eu tive uma quarta filha. Meu marido a deu para adoção quando ela tinha dezoito meses, quando Winston nasceu. Eu a procurei durante anos, mas foi como se ela houvesse desaparecido.

— Não...

Arregalei os olhos quando suas palavras começaram a fazer sentido. Ela morou conosco durante toda minha infância e nunca dissera nada sobre uma

quarta filha. Eu não conheci meu avô, mas não podia imaginar que fosse tão malvado. Como alguém poderia entregar a própria filha para adoção?

— Ontem, ela estava na fila à minha frente em uma barraca de comida, mas logo desapareceu. Puf. — Ah-Ma abriu as mãos, para enfatizar suas palavras com um gesto. — Simplesmente sumiu, como mágica.

— Eu...

As palavras estavam presas em minha garganta. Minha avó sempre fora prática, não se deixava levar por superstições ou contos de fadas. Ela não acreditava em magia. Eu a havia visto poucos meses atrás, quando fora parar no hospital depois daquele incidente horrível no restaurante onde eu trabalhava, e ela e minha mãe vieram para Nova York ficar comigo. Depois de finalmente receber alta, minha avó ficara meses comigo em meu pequeno studio, cuidando de mim depois que minha mãe voltou para a Califórnia.

— Desculpe nunca ter contado sobre ela — disse Ah-Ma com um tom de voz mais suave. — É muito doloroso falar disso. Eu a vi ontem na rua Yizhong, uma rua comercial.

Ah-Ma ficou uns instantes calada, com um olhar distante e um leve sorriso nos lábios.

— Eu estava com muita vontade de comer aquela comida tradicional de rua; tem uma barraca ali que tem a melhor lula grelhada. Eu estava na fila quando a vi.

— Como você sabe que era ela? Ela deve ser...

Minha voz sumiu; eu tentava fazer as contas, mas meu cérebro ainda estava tentando processar que minha avó tinha uma filha que havia sido roubada, e eu não conseguia entender os números.

— Ela tem sessenta e cinco anos agora — o sorriso de Ah-Ma era triste. — A mulher que eu vi tinha a idade certa e era exatamente como eu imaginava que minha Yili seria quando crescesse.

— Mas, Ah-Ma, se ela foi tirada de você quando tinha dezoito meses, como pode...

Eu não queria magoar minha avó, mas não havia como ela saber como sua filha perdida seria depois de tantos anos.

— Eu sei que era ela — disse Ah-Ma com voz firme. — Ela tinha uma marca de nascença — Ah-Ma apontou para a parte de trás de sua cabeça — bem aqui, atrás da orelha esquerda. Em forma de coração. A mulher que estava à minha frente tinha a mesma marca de nascença; estava com um rabo de cavalo baixo. Eu não estava prestando atenção, mas a pessoa atrás de mim me empurrou e eu caí em cima dela. E eu vi, Liv. — Os olhos de minha avó brilhavam

intensamente. — Ela tem exatamente a mesma marca de nascença, exatamente no mesmo lugar. E quando ela se virou para ver se eu estava bem, eu a reconheci. Era ela.

Fiquei olhando para minha avó, tentando absorver tudo que ela estava me dizendo. Se ela estivesse certa e aquela mulher fosse realmente sua filha desparecida, seria um milagre.

— Eu a chamei pelo nome, Yili — o queixo de Ah-Ma tremia de emoção —, mas ela ficou me olhando, confusa, e disse que eu estava enganada, que esse não era o nome dela. Ela me olhou com compaixão e foi embora. — Ah-Ma me olhou nos olhos. — Ela nem pegou a comida. Fiquei tão chocada que não me mexi por alguns instantes, e então, saí correndo atrás dela, tentando alcançá-la. — Ah-Ma sacudiu a cabeça, lamentando. — Tinha muita gente, estava muito lotado e eu a perdi de vista. Procurei, fui abrindo caminho entre as pessoas, tentando encontrá-la, mas ela sumiu.

— Sinto muito — disse eu, levando as mãos ao peito, com o coração partido ao ver a expressão em seu rosto.

— Sei que parece coisa da minha cabeça, mas acredito do fundo do coração, do fundo da alma, que era ela.

Os olhos de Ah-Ma estavam cobertos por uma nuvem de tristeza e ela ficou olhando para um ponto qualquer atrás de mim.

— Em todos esses anos, sonhei muitas vezes com o momento em que a veria de novo. Acordava sentindo o doce perfume de seus cabelos, seus brachinhos em volta de meu pescoço. Eu acreditava, do fundo do coração, que ela me seria devolvida. — Ah-Ma suspirou. — Nunca imaginei que a veria de novo pela primeira vez na fila de uma barraca de comida de rua. Nem que estaria tão perto e eu a deixaria escapar.

— Oh, Ah-Ma... — Senti meu coração se apertar. — Eu não entendo... como seu marido pôde fazer uma coisa dessas? Que tipo de monstro doaria a própria filha?

— Eram outros tempos. — Ah-Ma voltou a olhar para mim. — Ter filhos homens era importante, e meu marido era muito supersticioso. Ele acreditava que era o certo.

Minha mente fervilhava de perguntas. Minha família raramente falava de meu avô, e agora eu me perguntava se era por isso. Então, uma coisa me ocorreu:

— Você só o deixou quando tio Winston entrou na faculdade. Como pôde ficar com ele todos esses anos?

Winston era o filho caçula dela e minha avó foi para a Califórnia poucos meses depois de ele sair de Taiwan para estudar na Stanford. Todos os filhos dela se estabeleceram nos Estados Unidos, e ela morara com minhas tias e meu tio até minha mãe engravidar de mim. Foi uma gravidez difícil e minha avó foi morar com meus pais para ajudar. Ficou conosco até voltar para Taiwan, há sete anos.

— Eu não tive escolha. — Uma lágrima escorreu pela face fina como papel de Ah-Ma e eu tive vontade de enfiar a mão pelo telefone para enxugá-la. — A família dele era muito tradicional; não existia divórcio naquela época. Eles eram poderosos e eu ficaria sem nada se o deixasse. Ele ficaria com nossas três filhas e nosso filho... eu tinha que ficar. Quando Winston entrou na faculdade, uma amiga em Taiwan me ajudou a fugir e a conseguir um visto para os Estados Unidos sem que meu marido soubesse.

— Que coisa terrível!

Eu sabia que minha avó tinha deixado meu avô, mas nunca soubera o motivo. Com os olhos marejados, eu imaginava a tortura emocional que minha avó devia ter vivido, presa a um homem imoral a ponto de doar a própria filha.

— O que eu posso fazer? Diga-me.

— Me ajude a encontrar ela.

Sacudi a cabeça.

— Mesmo que seja ela, como eu poderia ajudar? Não sei nada sobre ela nem sobre sua história. Eu nunca estive em Taiwan. E se você pedisse ajuda à mamãe?

Ah-Ma estalou a língua, impaciente, e passou a falar seu inglês com sotaque.

— Felicia não entende nada de tecnologia. Eu preciso de você, das suas ideias jovens.

— Tá, você tem razão, sou melhor que mamãe nessas coisas.

Dei a ela um leve sorriso. Minha mãe era um gênio da matemática, mas mal conseguia usar o celular. Achava que eu era expert em tecnologia, mas, na realidade, eu era apenas uma millennial com habilidades razoáveis.

— Venha para Taiwan. Fiz um teste de DNA umas semanas atrás porque vi um comercial na TV. Ouvi dizer que algumas pessoas encontram parentes perdidos assim. Talvez minha filha também tenha feito... devo receber os resultados em breve.

Ela ficou me olhando alguns segundos em silêncio.

— Por favor, Liv. — Ah-Ma estendeu a mão, como se quisesse me tocar através da tela. — Eu sei que você não está trabalhando.

Eu me encolhi, a vergonha fervilhando no meu interior como lava quente. Tentei esconder dela que não voltei a trabalhar no restaurante, como prometera antes de ela voltar para Taiwan, mas minha mãe deve ter contado.

— E você precisa sair de Manhattan — disse com voz suave. — Você não está bem, não é?

Baixei o olhar, pensando em como minha avó sempre sabia o que estava acontecendo comigo sem que eu dissesse uma palavra. Eu mentia todas as vezes que conversávamos por videochamada, dizendo que estava ótima e que voltaria ao trabalho. Antes do incidente, eu era sous-chef no 852, um movimentado restaurante de fusão asiática em Hell's Kitchen, cujo nome faz referência ao código de área de Hong Kong, e deveria ter voltado ao trabalho dois meses atrás. Meu rival, Benjamin, também sous-chef, estava me substituindo e, sem dúvida, conquistando a simpatia do chef durante minha ausência.

Chef Wu dirigia seu restaurante como um sargento, mas foi extremamente compreensivo depois do que aconteceu comigo em sua cozinha. Disse que eu poderia voltar quando me sentisse pronta; mas quando tentei voltar a trabalhar, tive um ataque de pânico no metrô. Um estranho muito gentil me ajudou a sair do metrô e me colocou em um táxi para eu voltar para casa, onde fiquei desde então, com medo de sair. Eu sabia que Wu teria que me substituir se eu não voltasse para a cozinha. Mas como poderia, se toda vez que pensava em pôr os pés no lugar onde me machucara e presenciara a morte de minha colega Cat, minha cabeça entrava em choque apoplético e meu coração disparava?

Aprumei os ombros, decidida a mostrar à minha avó que eu estava tentando. Mas acaso eu conseguiria sair de casa, pegar um avião e ir para o outro lado do mundo, para um país onde eu nunca estive? Sentia falta de minha avó desde que ela voltara a morar lá, mas andava muito ocupada e não havia tido tempo de visitá-la. Cozinhar era minha vida. Quando não estava trabalhando, fazia experimentos em minha pequena cozinha, jantava em um dos milhares de restaurantes de Nova York com meus amigos ou viajava para lugares novos com Amy, que também trabalhava no 852; era chef de *jiaozi* e doces, criava deliciosos *baos* e sobremesas com sabores asiáticos. Mas agora... agora eu tinha todo o tempo do mundo.

Quando ergui os olhos, vi minha avó me observando atentamente.

— Me conte mais dela — disse, retorcendo as mãos.

Não queria dar atenção ao pânico que me dominava ao pensar em sair de meu apartamento e ir tão longe. Precisava manter o foco, ouvir a história de minha avó e ser forte para poder ajudá-la.

— Oh, Liv...

O suspiro que Ah-Ma soltou foi tão forte que seria capaz de espalhar milhares de sementes de dente-de-leão em um campo. E continha tanta tristeza que eu sabia que o que ela fosse compartilhar comigo tocava meu coração.

Mas pela primeira vez desde aquele dia traumático em que aquele homem desvairado invadiu a cozinha do restaurante e atirou em Cat e em mim, algo se agitou dentro de mim, como se eu estivesse despertando de um longo sono. Os meses de apatia e medo que eu havia suportado finalmente teriam um fim, e eu estava decidida a me agarrar a essa luz no fim do túnel com todas as minhas forças. Não podia voltar ao esquecimento dos últimos cinco meses, assustada, como uma mera sombra do que eu era antes. Se não conseguisse me salvar, pelo menos poderia me recompor para ajudar Ah-Ma.

Minha avó começou a contar e eu me agarrei a cada palavra como se fossem preciosos bolsões de oxigênio de que eu precisava para sobreviver.

# 2

## YI-PING

### MARÇO DE 1961, TAICHUNG

DEVERIA TER SIDO UM MOMENTO FELIZ NA CASA DOS WANG DEPOIS DO nascimento de meu filho. Finalmente, havíamos voltado para o prédio da família perto da estação de trem de Taichung, depois de quase dois anos de reconstrução. Mais tarde, descobrimos que o desabamento foi devido à obra que estava sendo feita ao lado; a empresa que erguia um novo edifício cavara muito fundo para fazer a fundação, deixando o nosso instável. Mas, em vez de parar, continuaram, e nossa casa desabou.

— Precisa fazê-los pagar — meus cunhados insistiram com o pai deles.

— Precisa fazê-los pagar — meu marido concordou.

E pagaram. A família Wang era poderosa naquela época, *waishengren*, imigrantes chineses que foram para Taiwan a partir de 1945 e durante a década de 1950 com o Partido Kuomintang (KMT) depois de perder a Guerra Civil Chinesa no continente. O pai de meu marido era um alto oficial do KMT e tinha muita influência. Ele forçou a empresa a fechar as portas para pagar os Wangs pela destruição do prédio. Eu não entendia a maioria das nuances políticas, mas ouvi rumores de que o acidente de carro de meu sogro, naquele mesmo ano, foi uma retaliação pelo que ele fez à empresa. Com ele cego por causa dos destroços que atingiram seus olhos, seus filhos, incluindo meu marido, tiveram que assumir os negócios bancários da família.

Nossos vizinhos nos temiam, e muitas das *tàitài* — mulheres casadas de nossa vizinhança — se curvavam diante de minha sogra e das outras esposas da família Wang, inclusive eu. Eu ficava envergonhada, porque era apenas uma garota simples do interior quando me mudara para Taichung para me casar com Po-wei. Além disso, eu não era ninguém na hierarquia da família Wang. Eles poderiam ter me tratado como uma serva, visto que eu só lhes dera filhas, mas minha sogra sempre foi gentil comigo. Eu era grata a ela, e fiquei orgulhosa quando finalmente dei à luz um filho — meu quinto filho — à família.

Depois do parto, fiquei um mês em casa para o zuò yuè zi ou “mês de repouso”. Eu já havia passado por esse período de confinamento pós-parto com todos os meus bebês, mas aquela vez foi diferente. Os Wangs me trataram muito bem e contrataram uma babá para morar conosco durante esse mês. Sua única tarefa era preparar alimentos especiais e saudáveis, além de remédios tradicionais chineses à base de ervas, tudo para mim. Aquela mulher me assustava; era intensa e tão focada que eu estava louca para que fosse embora.

Toda vez que eu me voltava, ela estava atrás de mim. “Yi-ping, está na hora de seu remédio.” Quando eu colocava a cabeça para fora do quarto, ela estava parada ali com uma bandeja. “Você não terminou o almoço.” Quando eu saía do banheiro, lá ela estava com uma caneca na mão. “Beba. Agora.”

Eu obedecia, prendendo a respiração e engasgando para engolir aquilo. Meus olhos ardiavam, mas via minha sogra atrás da babá e agradecia. “Obrigada por esta, hmmm, deliciosa preparação. Eu me sinto honrada.” Pois eu sabia que era um privilégio que Abu, como todos chamávamos minha sogra, estivesse me dando tanta atenção.

— Você precisa comer mais; não come o suficiente.

A mulher me conduzia de volta para a cama e colocava uma tigela de sopa em uma mesinha à minha frente. Eu sorria, com os olhos marejados por causa dos fortes vapores da sopa de galinha com ervas carregada no álcool.

Abu se aproximava e dava um tapinha em minha bochecha, e dizia: “Que bom que ela está aqui para cuidar de você; está muito magra”.

Só o que eu tinha que fazer durante aquele mês era ficar em casa, dormir e comer, revitalizando meu corpo. Meu marido aparecia com mais frequência que quando eu tivera os outros bebês, e uma vez, até me deu um tapinha seco no ombro. Provindo dele, aquilo era um grande elogio.

Eu estava segura isolada na bolha da casa dos Wang, alheia aos embates políticos que aconteciam por Taiwan inteira. Eu sabia que os homens da vizinhança estavam sempre tentando conquistar nossa simpatia, apoiando meu sogro e seus irmãos e filhos, porque eles determinavam quem o Kuomintang atacaria. A inquietude política, as prisões aleatórias, os homens que desapareciam e nunca mais voltavam, nada do caos de um país sob lei marcial me afetava diretamente naquela época.

Minha família estava em Taiwan desde muito antes de Chiang Kai-shek e suas tropas fugirem para lá após a derrota na China. Meu pai não queria me casar com alguém de uma família do KMT, mas era uma boa oportunidade e meus pais tinham muitos filhos. Eu havia trocado um olhar com Po-wei quando fora a Tai-chung com meu pai para entregar os vegetais que cultivávamos em nossa fazenda.

Po, como sua família o chamava, era o quarto filho, de modo que os padrões para seu casamento eram mais baixos que os de seus irmãos mais velhos. Acho que ser o quarto filho também alimentava sua superstição sobre o número quatro, porque ele tinha que provar que não era azarado e fadado ao fracasso. Seus pais permitiram o casamento porque a casamenteira disse que seria uma união auspiciosa e que eu lhes daria um filho. Meu pai me fez prometer que não me envolveria em política, enquanto minha mãe soluçava baixinho atrás dele. Eu prometi, mesmo sendo tão ingênua e alienada.

E agora, com apenas vinte e três anos, eu havia acabado de ter meu quinto filho e finalmente era uma membra respeitada da família Wang. Dei ao meu marido o que ele mais queria no mundo: um filho homem. Provei que a casamenteira estava certa, e meus sogros se congratulavam por nossa afortunada união. Meu marido deveria ter ficado feliz e me permitido ser feliz com nossas filhas, que estavam crescendo, se tornando meninas lindas e curiosas. Nossa filha mais velha, Lun-Shan, já era uma pianista talentosa com apenas seis anos de idade.

— Ela é um gênio — dizia Abu, irradiando orgulho. — Um prodígio. — E voltando-se para mim. — Não se preocupe, nós pagaremos as aulas de piano dela.

Nossa segunda filha, Lun-Wen, com cinco anos, adorava cozinhar como eu.

— Lun-Wen é uma ótima chef — dizia Abu, obsequiando-a com um sorriso radiante.

Nossa terceira filha, Lun-Fei, que mais tarde trocava seu nome para Felicia quando se mudasse para os Estados Unidos, com apenas três anos e meio dava sinais de ser um gênio da matemática.

— Esta aqui adora números, como eu — dizia seu avô, apontando para ela com alegria.

Ele passava horas ensinando-lhe a recitar números e fazer contas, coisa que ele conseguia fazer mesmo sem enxergar.

E nossa quarta filha tinha dezoito meses e já encantava todo mundo que a conhecia. Eu sabia que ela seria uma pacificadora, capaz de acalmar os nervos à flor da pele e a tensão com um único sorriso seu, que formava covinhas no rosto.

Eu tentava não ter filhas favoritas, mas minha quarta filha ocupava um lugar especial em meu coração. Era apaixonada por ela. Ela andou antes das outras três e disse sua primeira palavra com apenas onze meses de idade. Ela se iluminava quando me via e enchia meu coração de orgulho. Estava louca para ver tudo que ela conquistaria quando crescesse.

Como eu era tola! A vida, às vezes, é uma piada cruel, tira tudo de nós justamente quando pensamos que temos tudo. Eu era orgulhosa demais, achava que

minhas quatro filhas eram tão valiosas quanto um filho. Fui iludida, pensei que eu era uma membra valiosa da família de meu marido uma vez que lhes havia dado um filho, mas minha vaidade me fez ser negligente, e paguei caro por isso.

\* \* \*

NA CERIMÔNIA DE UM MÊS DE MEU FILHO, NOSSO PRÉDIO ESTAVA CHEIO DE parentes e amigos que haviam ido celebrar a vida dele. Nossa casa estava decorada com faixas vermelhas desejando sorte e saúde ao nosso bebê. Eu segurava meu filho no colo, com meu marido ao meu lado, e meu coração transbordava de orgulho enquanto as pessoas nos davam presentes e bênçãos.

— Ah, Yi-ping... Po-wei!

Minha sogra estava ao lado de meu sogro, com o braço entrelaçado no dele para guiá-lo e dizer quem havia parado à sua frente. Ela se inclinou e sussurrou para mim:

— Veja quem acabou de chegar.

Olhamos para a porta da frente e vimos o prefeito de Taichung entrar com a esposa.

— Oh — disse eu baixinho, admirada.

Abu sorriu, satisfeita, e sussurrou de novo:

— Boa menina.

Ela se afastou, guiando meu sogro para ir receber o prefeito e a esposa. Corei de orgulho de seu elogio. Nos dias antes da cerimônia, ela estivera ocupada se certificando de que houvesse ovos vermelhos (para representar a nova vida e a fertilidade; o formato dos ovos simbolizava harmonia) e pãezinhos vermelhos (para dar boa sorte e perfeição) para nossos convidados. Aqueles pãezinhos com um ponto vermelho em cima lembravam o seio de uma mãe e representavam o desejo de que ela tivesse leite em abundância para seu bebê — eu tive.

Eu não podia evitar fazer uma careta toda vez que via alguém mordendo aqueles pãezinhos que, supostamente, representavam meus seios. Que pessoa macabra achou que essa seria uma boa imagem para ser vista por uma mãe que amamenta? Não havia nenhuma celebração para homens com pãezinhos doces em formato de pênis simbolizando boa sorte e fortuna.

Fiz uma careta e voltei a atenção para meu filho, tentando ignorar aqueles pãezinhos vermelhos. Eu não estava acostumada a ser o centro das atenções, e toda aquela comemoração me deixava exausta. Estava louca para que todos fossem embora.

Só me dei conta de que minha quarta filha não estava ali muito depois de os convidados terem ido embora, satisfeitos com o banquete que minha sogra havia preparado e que tinha *you fan* e coxas de frango, porque o bebê era um menino.

Depois de colocar o bebê para dormir, finalmente desabei em uma cadeira em meu quarto e chamei:

— Filhas, venham ver a mamãe.

Três delas se reuniram ao meu redor, tagarelando sobre o dia, coradas pela animação da festa. Elas me contaram histórias sobre os convidados, disseram que vários lhes deram envelopes vermelhos cheios de dinheiro, que um havia bebido tanto uísque que estava vermelho como um tomate, cambaleando e cantando sozinho. Sorri para elas, ouvi suas risadas, mas algo me incomodava.

Quando pararam de falar um pouco, por fim perguntei:

— Onde está Yili?

A última vez que a vi, minha filha mais nova estava de mãos dadas com uma de minhas cunhadas, dançando, balançando de um pé para o outro. Ela me lançara um sorriso com covinhas do outro lado da sala e eu acenara para ela, logo antes de ser puxada para conhecer mais alguém.

— Yili? — repetiu minha filha mais velha.

As outras duas se entreolharam e depois olharam para mim, dando de ombros.

Eu me levantei com o coração disparado.

— Yili? — chamei.

Minhas filhas me seguiram enquanto eu corria de volta para a sala principal, onde minhas cunhadas ainda estavam reunidas, conversando sobre o dia. Todas ergueram os olhos quando eu foquei naquela que havia visto pela última vez segurando a mão de minha filha.

— Onde ela está? — perguntei, segurando o braço de minha cunhada. — Onde está Yili?

Ela empalideceu e disse:

— Não sei. Seu marido a tirou de mim na festa, disse que havia uma pessoa que queria conhecê-la.

Nós nos entreolhamos; pensamentos descontrolados invadiam minha cabeça. Lutei para reprimi-los, pois não havia justificativa para eles. Fiquei feliz por meu marido demonstrar interesse por Yili, visto que ele a ignorava desde o nascimento. Ele era tranquilo com nossas três primeiras filhas, mas eu notava um distanciamento em relação à quarta. Eu deveria ter ficado feliz por ele ter dado atenção a Yili, mas, no fundo, meu instinto me alertava.

— Onde ele está? — gritei, procurando meu marido com o olhar.

Corri pela nossa parte do prédio e, como não a encontrei, gritei seu nome de novo. Minha sogra entrou correndo ao ouvir meu grito.

— Filha, o que foi? — perguntou, correndo para mim.

— Yili. — Eu agitava as mãos inutilmente. — Você a viu?

Ela franziu os lábios e sacudiu a cabeça, o que me fez entrar em pânico de novo. Meus filhos estavam sempre comigo, com uma das minhas três cunhadas ou com minha sogra, mas todas estavam naquela sala comigo e minha filha não. Rezei para que meu marido a houvesse levado para passear, talvez para tomar sorvete ou comer tortinhas de ovo na padaria ao lado. Mas meu instinto me dizia que não era esse o caso. Soltei um grito e minhas pernas fraquejaram. As mulheres me cercaram e me ajudaram a sentar no sofá, mas eu me debatia e dizia que precisava encontrar Yili. Sabia que ela havia sido sequestrada.

E foi quando meu marido apareceu, entrando pela porta.

— Po, Yili sumiu. Precisamos encontrá-la!

Eu me afastei das mulheres e corri até ele, dando socos em seu peito enquanto lhe pedia para chamar a polícia. Mas ele segurou meus braços e eu ergui os olhos. E o que vi nos dele me disse mais do que eu jamais quis saber.

Ele sacudiu a cabeça e disse:

— Ela está segura e melhor agora.

— O quê?!

As palavras saíram de minha boca me queimando com sua aspereza.

— Onde ela está? — acrescentei com voz estridente, dando um passo para trás. — O que você fez?

Como ele não respondeu, gritei de novo:

— O que você fez com ela?

Ele me lançou um olhar que eu não consegui decifrar.

— Ela está bem.

Olhei para ele em choque, e então, as palavras irromperam de meus lábios.

— Diga-me onde ela está, agora. Eu vou buscá-la; vou trazê-la de volta para casa, sã e salva. Onde ela está?

Mas ele se recusou a dizer, deu meia-volta e seguiu pelo corredor que levava à parte do prédio onde morava seu irmão mais velho. Fiquei parada ali, olhando para ele, com o corpo dormiente, sem conseguir respirar. Ele havia feito algo com nossa quarta filha. Ele a havia tirado de mim. A agonia que dilacerou meu corpo ao perceber isso me fez desabar no chão. Soltei um gemido, um som tão doloroso e agudo que ainda recorro até hoje. Minhas cunhadas e

filhas tentaram me consolar acariciando minhas costas, apertando minhas mãos, murmurando palavras de consolo que eu não ouvia. Foi só o toque de minha sogra que pôde atravessar minha dor; ela afastou meu cabelo da testa e me abraçou forte.

— Eu sei que você está sofrendo agora, Yi-ping, mas por favor, confie em meu filho. Ele só está tentando fazer o melhor para a família — disse ela em voz baixa e gentil. — Ele acredita que isso é o certo, que Yili tem sido uma maldição para nossa família.

Suas palavras atravessaram a névoa de meu cérebro e eu olhei incrédula para minha sogra.

— Não — foi a única palavra que consegui dizer.

— Sim. Você se lembra de todo o azar do ano em que ela nasceu. E do que aconteceu desde então.

Minha sogra se calou, e eu sabia que ela queria que eu lembrasse que uma das minhas cunhadas havia se queimado gravemente quando uma panela de água fervente caíra sobre ela, ou que um dos meus cunhados havia sido espancado até perder a consciência e precisara ser hospitalizado.

Mas nada disso era culpa de Yili. Minha cunhada era desastrada e havia derrubado aquela panela de água do fogão a carvão por acidente. Meu cunhado era um metido insuportável e havia ofendido tanta gente que era surpreendente não ter apanhado antes. Nada daquilo tinha a ver com Yili ou com o nascimento dela. Ela era só uma criança inocente e não deveria ser responsabilizada. Fiquei olhando para minha sogra sem poder acreditar que ela acreditava naquela superstição. Eu não podia aceitar que ela toleraria que o filho dela roubasse minha filha de mim.

— Como pode dizer isso? Você é mãe! — As palavras saíam de minha boca como balas disparadas de uma arma. — Ele levou minha filha. Ela sumiu! — Estendi as mãos para ela. — Se você sabe onde ela está, diga-me agora. Por favor!

Mas ela apenas sacudiu a cabeça e desviou o olhar.

— Eu não sei de nada. Meu filho é um bom homem; ele não teria feito o que fez se não achasse necessário.

Respirei fundo, chocada por minha sogra não conseguir enxergar como aquilo era errado. Como podiam arrancar uma criança de sua mãe? Que tipo de família rouba uma criança? Mas, no fundo, sabia que eles eram capazes, e pela primeira vez na vida eu me defendi. E defendi Yili. Eu sempre havia respeitado minha sogra, como era meu dever, nunca levantara a voz para ela, mas não consegui ficar calada com minha filha desaparecida.

— Como pode acreditar nisso? Você deve tê-lo ajudado. Você deve ter feito os arranjos. Para quem você a entregou?

Essas últimas palavras foram um grito; não me importavam as consequências de ter gritado com a minha sogra. Ouvi minhas cunhadas ofegando atrás de mim e puxando minhas filhas para perto delas, mas nem virei a cabeça.

— Você não tem ideia do que é perder um filho — disse eu, abrindo os braços para indicar seus quatro filhos, que moravam naquele prédio com suas famílias, além de suas duas filhas, que eram casadas e tinham suas próprias casas.

Ela ficou me olhando em silêncio, com frieza, os lábios apertados. Então, inclinou-se para mim e seu pingente de jadeíta verde, intrincadamente esculpido, ficou balançando e tocando meu rosto enquanto ela dizia em voz baixa:

— Você não tem escolha, não tem direitos. Quanto mais cedo perceber isso, melhor para você. Acha que foi fácil para mim? Fui adotada pela família Wang quando tinha apenas dois anos, como futura esposa para o filho mais velho deles. Mal me lembro de meus próprios pais — sua voz endureceu. — Perdi filhos, sim, e não pude fazer nada por ser mulher. Nada disto me pertence — disse, estendendo o braço indicando nosso prédio. — Meu marido controla tudo, inclusive nossos filhos. Aprendi desde cedo a ser complacente e a agir como se não me importasse, porque se eu obedecesse, ele e sua família não me machucariam.

Eu chorava, horrorizada diante do que ela estava me dizendo. Quantos filhos ela havia perdido? Mas eram os anos 1960 e as coisas estavam progredindo. Não vivíamos mais nos anos 1930 ou 1940, devia haver leis que impedissem um marido ou os sogros de levarem o filho de uma mulher.

Como se respondesse à minha pergunta, minha sogra sacudiu a cabeça devagar.

— Ninguém vai ajudá-la. Os homens Wang têm muito poder. Confie em mim e aceite as coisas como são. Esqueça Yili e foque em seu filho. Ele é seu passaporte para uma vida boa.

E então, ela se endireitou e me deu uma leve palmadinha na bochecha. Eu me encolhi, não queria nem conseguia aceitar suas palavras. Ela me olhou com leve desaprovação, deu meia-volta e saiu de nossa parte do prédio. Fiquei paralisada enquanto a via sair. Meu coração se partiu ao meio imaginando se Yili estaria apavorada sem mim onde quer que estivesse. Ela nunca havia ficado longe de mim por mais que algumas horas. Eu ofegava imaginando seu espanto e terror. Era insuportável saber que minha filha estava em algum lugar morrendo de medo. Ela não estava onde deveria estar, naquele prédio com sua

família, comigo. Quando cada filho meu nascera, eu havia prometido que sempre os protegeria, e falhara com Yili.

Um som encheu a sala, tão alto que eu quis tampar os ouvidos, mas uma das minhas filhas segurou minhas mãos, chamando “Mamãe! Mamãe!” repetidamente. Minha cabeça doía por causa do barulho. Só quando minhas cunhadas se reuniram em volta de nós fazendo “shhhhh” e me dando tapinhas nas costas foi que percebi que era eu quem estava fazendo aquele barulho terrível. Eu não conseguia parar; os gritos rasgavam minha garganta e minha mente se fragmentava. Nada podia me acalmar, porque meu marido havia feito a pior coisa possível. Havia tirado minha preciosa filha de mim e eu nunca mais tive notícias dela.